

**O ESTUDO DA REGIÃO CACAUEIRA: A IMPORTÂNCIA DA LEITURA  
DAS REPRESENTAÇÕES IDENTITÁRIAS CONTEMPORÂNEAS EM SALA  
DE AULA**

Juciene Silva de Sousa Nascimento<sup>1</sup>  
(UNEB-CAMPUS X/GEICEL)

**RESUMO**

O estudo reporta-se ao juízo de que a necessidade de (re)discussão dos objetos literários estudados de acordo com a realidade regional do público discente e a representação literária imagética como signo desta realidade, é latente, uma vez que deve-se levar em consideração a forma com que a literatura se relaciona com o ensino, suas abordagens e a existência de uma sistematização na interação entre a pragmática e a teoria no processo ensino-aprendizagem. Dessa forma, o ensino de literatura reúne em si inúmeras possibilidades, inclusive documentais, as quais se perfazem constantemente na prática docente em sala de aula, no entanto tais práticas são questionadas, atualmente, sobretudo na voz do discente, quanto às práxis funcionais do estudo da disciplina, provocando a falta de interesse por não conseguir enxergar em sua região a história e as representações identitárias estudadas na literatura. Assim, buscar-se-á, nessa análise, repensar sobre as possibilidades de inserção da literatura em uma prática mais eficaz do ensino regional, uma vez que o trabalho com obras e/ou textos, a priori, arcaicos e descontextualizados histórico-socialmente começam a ser questionado, se considerada a distância espaço-tempo. Para tanto, levar-se-á em consideração, para tal análise, o deslocamento do imaginário literário da região Sul-baiana, denominada cacauera, como uma possível proposta para que a leitura de textos contemporâneos, adequados à situação histórico-social atual, ocorra, ao considerar a ideia do leitor como sujeito formado por suas expectativas e historicidade.

**Palavras-chave:** Situação histórico-social. Região. Ensino. Literatura contemporânea. Leitor.

**RESUMEN**

El estudio se refiere a la sentencia que la necesidad de (re) análisis de objetos literarios estudiados de acuerdo a la realidad regional y la representación de la imaginaria literaria estudiante pública como un signo de esta realidad, está latente, ya que hay que tener en cuenta la forma en que la literatura se refiere a la enseñanza, los enfoques y la existencia de una interacción sistemática entre la teoría pragmática y el proceso de enseñanza-aprendizaje. Por lo tanto, la enseñanza de la literatura reúne numerosas posibilidades, como documental, que está constantemente en el maquillaje práctica docente en el aula, pero estas prácticas son cuestionadas ahora principalmente en la voz del estudiante, para el estudio funcional de la praxis disciplina, provocando una falta de interés al no ver en la historia de la zona y las representaciones de identidad estudiados en la literatura. Por lo tanto, se buscará, en este

---

<sup>1</sup> Professora mestre da Universidade do Estado da Bahia-UNEB/campus X.  
e-mail: [jssnascimento@uneb.br](mailto:jssnascimento@uneb.br).

análisis, repensar las posibilidades de inclusión de la literatura en una práctica más efectiva de enseñar regional, ya que trabajar con la construcción y / o de los textos, a priori, arcaico y socialmente descontextualizada histórica de inicio a ser cuestionada, si la distancia espacio-tiempo considerado. Para ello, se tendrá en cuenta, este tipo de análisis, el desplazamiento de la imaginación literaria del Sur-Bahia, llamado cacao como una posible oferta por la lectura de textos contemporáneos, adecuados a la actual situación socio-histórico, se produce al considerar la idea del lector como sujeto formado por sus expectativas y la historicidad.

**Palabras clave:** situación histórico-social. Región. Educación. La literatura contemporánea. Lector.

### **A importância da leitura de literatura na contemporaneidade**

Muitos pensaram que não haveria “lugar” para a leitura na sociedade pós-moderna, ou que se viesse a existir algum ambiente, no qual o ato de ler teria utilidade seria, unicamente, o ambiente escolar. Todavia, sabe-se que apesar de haver, na contemporaneidade, uma infinidade de outros meios (rádio, televisão, cinema, Internet, entre outros) que servem os propósitos da leitura, como, por exemplo, informar, entreter e difundir cultura, esta permanece uma atividade relevante para a sociedade moderna, embora se evidencie uma expressiva mudança em sua situação e função. Sobre esse assunto Allende e Condemarín (2005, p. 11) argumentam que:

[...] a irrupção dos meios de comunicação de massa baseados na imagem e na linguagem oral (rádio, cinema, televisão, histórias em quadrinhos) e o surgimento dos meios informáticos de busca e registro da informação significam uma claríssima mudança na situação e na função da leitura no mundo contemporâneo.

Allende e Condemarín (2005, p. 11) denominam tal situação de “a crise da leitura”. Contudo, esta não transforma a leitura em uma atividade sem importância para a sociedade brasileira, pelo contrário, torna-a uma demanda social, pois ler constitui-se uma atividade fundamental para a vida individual e social do sujeito, visto ser a leitura não só instrumento de êxito escolar, mas também profissional. Tal afirmação é confirmada por Richard Bamberger (1991, p. 9); Solé (1998, p. 32); Allende e Condemarín (2005, p. 5;17), entre inúmeros outros, que asseguram que “a leitura, os livros e demais materiais escritos são importantíssimos para a vida individual, social e cultural dos sujeitos”, visto que o ato de ler tornou-se:

[...] fator determinante do êxito ou fracasso escolar [...] A eficiência na leitura se relaciona de forma íntima com o êxito escolar [...] À medida que vai lendo, o estudante vai antecipando os conteúdos, forjando suas próprias hipóteses, confirmando-as ou descartando-as, também raciocina, crítica, infere, estabelece relações, tira suas próprias conclusões. Tudo isso se traduz numa poderosa estimulação intelectual que repercute na aprendizagem em sua totalidade. (Idem; Ibidem, p. 14).

Outro fator que revela a importância da prática da leitura na contemporaneidade é que esta torna os indivíduos mais bem capacitados para tomar decisões sociais importantes, como por exemplo, votar, opinar, convencer, decidir, levando-os a empregar critérios coerentes nestes momentos, garantindo-lhes, assim, ativa participação social. Além do mais, Allende e Condemarín (2005, p. 14), sustentam que:

A leitura cumpre uma importante função na sociedade, pois determina os processos de pensamento. Nesse sentido, as pessoas que não lêem, ou que são leitores mínimos, não só tendem a ser rígidos em suas idéias e ações, como também guiam suas vidas e ações pelo que lhe é transmitido diretamente. Em troca, o hábito de leitura tende a formar pessoas abertas ao mundo, voltadas para o futuro, capazes de valorizar o planejamento e aceitar os princípios científicos e tecnológicos emergentes, com a conseqüente incerteza que eles implicam.

E não é exatamente esse indivíduo aberto que se tem procurado formar.

Além disso, a leitura tem se mostrado superior aos demais meios de entretenimento, informação e difusão de cultura, tais como rádio e televisão, pois concede maior liberdade ao sujeito para escolher o que vai ler, quando vai ler, para que vai ler, em que velocidade, quantas vezes voltará ao texto etc.. Portanto, pode-se inferir que o professor saiba como auxiliar o aluno a desenvolver o hábito de ler o mais cedo possível, especialmente quando esse provém de meios sociais em que a leitura não costuma ser praticada, fato que ocorre com a maioria dos estudantes brasileiros.

Zilberman (2003, p. 16) afirma que “a sala de aula é um espaço privilegiado para o desenvolvimento do gosto pela leitura, assim como um campo importante para o intercâmbio da cultura literária, não podendo ser ignorada, muito menos desmentida sua utilidade”, é *mister* que se reafirme nas escolas a função operacional que a leitura exerce na vida dos aprendizes. Nesse sentido, Allende e Condemarín (2005, p. 41) argumentam que:

[...] a sala de aula deve contar com uma variedade de textos que dê amplas oportunidades para que as crianças, em especial as provenientes de meios predominantemente orais, se familiarizem logo com eles. Os textos devem ser literários em sua maioria [...].

Aqui, percebe-se a recomendação dos autores para que os textos pertencentes ao gênero literário predominem em sala de aula. Tal recomendação se justifica porque estes

textos possibilitam aos alunos associarem a leitura a algo positivo, prazeroso, gostoso, visto que se caracterizam como:

[...] textos que privilegiam a mensagem pela própria mensagem. Neles, interessa primordialmente como se combinam de acordo com padrões estéticos, os diferentes elementos da língua, para dar uma impressão de beleza. [...] O texto literário, que permite o desenvolvimento de todas as virtualidades da linguagem e, portanto, que é o espaço de liberdade da linguagem, sem as restrições das normas, permite-nos ler “para nada”, para não fazer nada depois da leitura; somente nos leva pela imaginação; [...] (KAUFMAN; RODRÍGUEZ, 1995, p. 21- 22)

Nesse sentido, percebe-se que se a intenção é levar o aluno a sentir prazer com a leitura, se se pretende que o mesmo adquira muito mais do que a capacidade de decodificar, mais o hábito de ler, deve-se evitar escolarizar os textos literários, ou seja, utilizá-los para propósitos diferentes daqueles para os quais foram elaborados, como por exemplo, solicitar às crianças que os leiam para identificar verbos, pronomes, coletivos, e uma infinidade de outras práticas semelhantes, especialmente porque tal atitude contribui para o desenvolvimento de uma visão empobrecida da leitura de literaturas, podendo levar o aluno a concebê-la como uma atividade que só tem utilidade no contexto escolar.

Assim, o educador preocupado com a formação do gosto pela leitura deve reservar espaços em que proponha atividades de leitura de diversos tipos de textos literários. Trata-se de operacionalizar espaços na escola e na sala de aula, na qual a leitura por fruição-prazer possa ser vivenciada pelas crianças. Para tanto, recomenda-se que o educador atente para o nível de aprendizagem em que a criança se encontra, seus interesses particulares, bem como sua faixa etária.

Partindo do pressuposto que a cultura é um estilo de vida próprio, um modo de vida particular, que todas as sociedades possuem e que caracteriza cada uma delas<sup>2</sup>, o grupo de indivíduos que participa a mesma cultura apresenta o que chamamos de identidade cultural. A partir daí, pode-se afirmar que a identidade moderna sul-baiana está sendo, ao longo do tempo, descentrada, ou seja, está deslocando os componentes culturais de acordo com os acontecimentos e/ou influências recebidas ao longo da história, já que a aceleração das mudanças sociais e culturais ameaçam as identidades, ao separar aquilo que somos daquilo que fomos<sup>3</sup>, o que acarreta também a mudança do imaginário ficcional.

A literatura é um dos meios que serve como veículo de conhecimento de uma cultura: “[...] A narrativa [...] dá significado e importância à nossa monótona existência, conectando

---

<sup>2</sup> OLIVEIRA, 2001, p. 135.

<sup>3</sup> BURKE, 2005, p. 88.

nossas vidas cotidianas com um destino nacional que preexiste a nós e continua existindo após nossa morte” (HALL, 1999, p.52). Ao considerar tal abordagem, pode-se constatar que os escritores do sul da Bahia, através de suas obras literárias, fizeram a região ganhar espaço no século XX, propagando vivências, costumes, práticas e características culturais que marcaram uma época, um povo e um saber, formatando um imaginário identitário conhecido por muitos, ainda hoje, como vigente. Resta saber, nesse estudo, quais foram os motivos reais que levaram e/ou provocaram a mudança de identidade apresentada nas obras dos escritores do final do século XX e início do século XXI, sobretudo nas obras amadianas, para que essa renovação da identidade cultural sul-baiana e a (re)definição do imaginário seja tão propagados e conhecidos quanto os do início do século XX.

O sentido denotativo e antropológico do vocábulo ‘cultura’ compreende no conjunto de experiências e realizações humanas (costumes, crenças, instituições, produções artísticas e intelectuais) que caracterizam uma sociedade. Neste sentido, um grupo de indivíduos é caracterizado através de traços de seus comportamentos, ideias e valores que constituem a identidade cultural dos mesmos.

Ao longo da história é realizada a produção material de um grupo de indivíduos, esta dá sentido à produção material, na qual a movimentação histórico-cultural produz e reproduz as relações sociais e, de acordo com os estudos de Marilena Chauí (2001) essa movimentação da história-cultura é realizada pela luta das classes sociais para vencer formas de exploração econômica, opressão social, dominação política.

A literatura regional pode abrir vários leques de leitura, pois o regional teria, conotativamente, a significação de região dentro de um país, uma região fora do centro, longe da capital política e econômica<sup>4</sup>. Pode-se afirmar, num mundo cada vez mais vasto, cada vez mais dividido, que a literatura regional é reconhecida no âmbito literário, não somente entre campo e cidade, como também entre centro e periferia, pois uma região se define pelo modo como, nela, é trabalhada a realidade. Neste sentido, poderia dizer que ninguém escreve nada, só se reescreve levando em consideração o real como pano de fundo da ficção.

A compreensão da literatura regional constitui-se em uma visão do universo cultural e vivencial que configura um ponto de vista do ficcionista e, posteriormente, do leitor; comportamentos éticos, filosóficos e políticos, entendidos como estratégias discursivas reveladoras do imaginário que perspectiva o comportamento do mundo.

---

<sup>4</sup> ZINK, 1998, p.100.



Segundo Simões (1987, p.120), a literatura da região cacauceira possui uma inquietação que procede de toda a reviravolta pela qual vem passando esta região sul do Estado da Bahia, antes calcada na monocultura do cacau, agora descaracterizada e buscando novas alternativas econômicas o que, conseqüentemente, tem provocado uma crise identitária. Portanto, a literatura do cacau faz referência à atividade cacauceira do início do século, a cultura desenvolvida por conta dela, implicações sócio-culturais, convertendo-se em uma temática. A essa literatura cabe a produção escrita dos autores da região que possuem tal monocultura como imaginário literário.

Stuart Hall (2006, p.12) afirma que ao nos projetar nas identidades culturais houve a contribuição para alinhar nossa subjetividade com os lugares no mundo sócio-cultural e “a identidade, então, costura o sujeito à estrutura”. Logo, a produção literária desta época apresenta-se distinta do período anterior, haja vista as circunstâncias sócio-político-culturais, pois se apresenta “multifacetada” de temáticas e tendências. Agora a preocupação com o social evidencia a injustiça, as diferenças e a inversão de valores, uns perdidos na busca temática, enquanto outros perplexos diante do vazio da continuidade cultural, uma vez convertido em obsoleto o imaginário cacauceiro diante da crise.

A literatura é algo que resgata coisas que ficaram para trás, a qual nos faz conhecer o passado e construir uma identidade. Agora, os escritores que começam a emergir na região (1982-1986), apresentam o desvio da polêmica criativo-crítica, haja vista a consolidação da proposta de redemocratização do país. A importância maior é dada ao indivíduo e a sua condição existencial do que com o outro, enquanto elemento de uma sociedade. A produção poética desta fase, em todas as suas tendências, busca o simples, já que a mesma apresenta a grande problemática existencial, conflito semelhante ao barroco, não entre o divino e o profano, mas entre o “ter” e o “ser”, pela fugacidade da vida, pela certeza de que inevitavelmente o tempo passaria. Logo, o escritor preocupa-se com o ecológico, os rios, as flores, os pássaros, enfim, propõe, ao viver a natureza, viver o presente, o hoje. A sua denúncia agora, segundo o momento histórico, é a da violência, do tóxico, das injustiças sociais, não mais dos desmandos dos coronéis, da submissão do proletariado cacauceiro ou da repressão das “fardas verdes” em tempos de ditadura.

Nessa perspectiva, o escritor Jorge Medauar é um dos ficcionistas que pode ser colocado em relevo diante da sua produção literária que, ao parodiar o imaginário amadiano, (re)discute a cultura em questão, *planteando* novos valores e costumes ao retomar temáticas outrora repercutidas e acreditadas por leitores de toda a parte do mundo. Diante disso, a partir da leitura da obra *Visgo da Terra*, em especial, tentar-se-á, aqui, configurar um trabalho de

(re)definição do imaginário, haja vista as mudanças sócio-histórico-culturais ocorridas na região ao longo do tempo. A obra está dividida em vinte contos/capítulos, os quais são possíveis personificações de traços identitários que dialogam entre a(s) velha(s) tradição(s) identitária(s) e a(s) nova(s) manifestação(s) dos traços que configuram a inovação. Nela há uma preocupação latente com o ato de ‘contar’ as histórias da terra, dando ênfase especial à rememoração dos fatos. Ademais, as temáticas do homem marginalizado, do valor dado à vida, ao conhecimento, da migração para outras terras que apresentem subsídios suficientes para a sobrevivência, da valorização dos costumes, da apologia à ciência, da busca pela liberdade, da globalização, do não burlamento das leis, da preocupação com os mais pobres, entre outras, se misturam com o saudosismo da época da pujança de riquezas, com o atraso local, da pobreza da terra, dos resquícios dos costumes coronelistas, formam um imaginário paradoxalmente encantador e envolvente, atribuindo à terra o amor de seus habitantes que não a deixam pelo seu visgo, dialogando com falas das personagens amadianas, os quais diziam que “aquela terra parecia visgo de jaca”<sup>5</sup> que grudava nas pessoas, pois quem para lá ia, jamais voltava. Todas essas temáticas são trabalhadas com a finalidade de evidenciar o conflito, ora latente, entre o “ser” e o “ter”, assumindo uma postura social diferenciada sem descartar a ironia, denunciando a violência, o tóxico, as injustiças sociais, aludindo à tecnologia, aos avanços, à vida simples, bem como à pureza como forma de felicidade.

Na obra *Visgo da Terra*, que aqui será objeto de uma análise mais específica do conto 2, traz em suas páginas a reunião de contos que comportam signos representativos de uma dialética identitária temporal, na qual pode-se notar a retomada de antigos valores, através da memória, que são discutidos, analisados e (re)configurados através de ações das personagens e, sobretudo, nos diálogos e colocações do narrador, o qual pode ser considerado como um homem da terra que acompanha a vida local pela temporalidade de sua estadia na região. Nesse sentido, é ‘mister’ que se leve em consideração, na obra, a existência de um tipo narrativo explanado por Walter Benjamin (1980, p.58) que considera como o “lavrador sedentário”, que é considerado como aquele narrador que, vivendo honestamente do seu trabalho, ficou em casa e conhece histórias e tradições de sua terra.

No segundo conto, *Seu Emiliano e o marinheiro*, a perspectiva dialética é colocada em questão a partir da rememoração do naufrágio narrado no conto 1, o qual dá origem a inúmeros mitos sobre a terra, seus costumes, tradições. Tais rememorações, são perpassadas através da linguagem oral, na qual as histórias ganhavam acréscimos, acrescentavam-se

---

<sup>5</sup> AMADO, 2008, p.23

detalhes ao ponto de converterem-se em mitos que perpassavam pelos mais longínquos lugares através da linguagem oral: “Muitas histórias do naufrágio ainda corriam, chegavam até o sertão, partindo de Ilhéus e de outros portos de atracação”(MEDAUAR, 1984, p.20).

Em dado momento, o comentário narrativo a respeito do naufrágio do Taifeiro do Itacaré pode ser entendido como uma sinalização da grande discussão identitária pela qual vem passando a região cacauera, haja vista os costumes, tradições e valores que a monocultura cacauera produziu. Tal acontecimento é claramente considerado um castigo de Deus, o qual se cansara de tanta promiscuidade, avareza e ambição daquela gente, fato que fica evidente na voz narrativa:

Deus se aporrinhara com a fortuna de tantos, com os vícios dos ricos e resolvera mandar aquele vapor com todos seus trens para o povo pequeno, que nunca pudera se aliviar da precisão. [...]  
Os pescadores de melhor condição se fizeram nas jangadas e nas canoas, foram até longe para voltar carregados de preciosidades que nunca viram, nem nunca teriam como meter em casa. (Idem, Ibidem, p.22/23).

A crítica ao comportamento ‘forjado’ pela cultura do cacau se mostra severamente na vertente religiosa, como estratégia paradoxal que busca uma forma de reverter a situação degradante da sociedade cacauera, a qual vê no naufrágio uma oportunidade que a comunidade tem de se redimir de todos os males arraigados no íntimo da subjetividade dos indivíduos que para as terras do cacau se dirigiam em busca de dinheiro, fama e amores carnavais. Nota-se, aqui, uma relevância ao papel social da família como elemento de constituição, formação e conservação dos bons costumes sociais, as quais, segundo os religiosos locais, deveriam ser poupadas de tantos maus costumes:

As freiras e os padres, beatas e coroinhas puxavam orações fortes pela alma dos mortos, dos que sumiram nas profundezas do mar, sem saber na sua inocência que aquele vapor era excomungada obra do demônio, e vinha lotado de pecado – o lixo do mundo para ser despejado entre as famílias que faziam seu terço, confessavam e comungavam no respeito de Deus e de suas santidades (Idem, Ibidem, p.22).

Em toda a obra é possível perceber a existência de novos focos de relevância, os quais são tecidos ao longo da narrativa de forma antitética aos valores de outrora, como a hegemonia coronelista, o mito da fortuna fácil, a infidelidade marital, a falta de respeito e amor entre pais e filhos, a busca incessante pelo ter, entre outros. O que se pode perceber, especificamente no conto *Seu Emiliano e o marinheiro*, é que através de diálogos memorialísticos, novos aspectos do imaginário cacauero põem em relevo três aspectos em especial:



**1º) O homem marginal:** o que antes era visto como uma questão determinante, na qual quem possuía posses sempre detinha o poder nas mãos e quem não as tinha estava fadado ao trabalho semi-escravo, subjugado à eterna condição de empregado que trabalhava incessantemente, em condições sub-humanas sem ao menos ter os seus direitos respeitados. A esse tipo de gente, nenhuma importância era dada, o que importava era que tal indivíduo tivesse apenas condições de trabalhar e se doente, ou acidentado, logo era substituído por outro sem nenhum tipo de assistência. Assim, Jorge Medauar põe na voz do narrador o comentário de que o naufrágio, por ser castigo de Deus aos ricos, aconteceu para que os pobres se beneficiassem com o que pertencia (ou não) aos ricos da cidade:

Pois houve mesmo quem dissesse que o vapor se lascara só por mode mandar pela maré os destroços aos pobres que roíam a maior penúria, sem colchão, sem cadeira, sem uma peça de conforto nos casebres de palha do Malhado e do Pontal. (Idem, Ibidem, p.22)

Nota-se que, a princípio, a voz narrativa utiliza-se da expressão local “se lascara” a fim de expressar um desejo intrínseco que os indivíduos menos favorecidos da terra cultivavam em relação àqueles que os maltratavam, ou seja, para que os pobres pudessem ‘se dar bem’ era preciso que os mais abastados caíssem em desgraça. Ademais, a descrição da condição dos que viviam nos lugares marginais evidencia a enorme diferença social que separava ricos e pobres, latifundiários e peões, comerciantes e empregados.

**2º) A vida:** os valores, agora postos em voga, não mais buscavam apropriar-se da ganância, da busca desenfreada pelo poder, da ambição que levava os indivíduos a traírem-se mutuamente, a matar por um metro a mais de terra em suas posses, na vigência do naufrágio o valor maior e buscado pelo povo é pela vida. Ninguém se importava mais com o que tinha, ou que o que poderia perder, só lembraram-se de se salvar e rever os que amavam:

Todo mundo procurando se salvar – ninguém ia se importar com jóias, riquezas que não valiam nada comparadas com a vida, o pé firme na terra, o abraço nas pessoas chegadas que estavam na agonia da espera, naquele caos formigando de povo. (Idem, Ibidem, p.23)

Nesse trecho é possível perceber o grande deslocamento de valor dos indivíduos da região, os quais antes impulsionados pela pujança da monocultura cacaueteira cultivavam a cultura do ‘ter’ e com as crises econômicas sofridas ao longo do tempo, tal cultura segue se dissipando, dando lugar à cultura do ‘ser’, uma vez que o que importa agora é quem o indivíduo se mostra ser e como deve ser lembrado por aqueles com quem conviveu.

**3º) A honestidade:** na mesma perspectiva do aspecto anterior, a honestidade põe-se em relevo em contraste com os velhos hábitos de mentiras, falsidades, caxixes, entre outros. As pessoas buscam perpetuar sua existência ao realizar boas ações, corrigir seus erros e praticar o que, politicamente, é considerado ser o correto:

Um dia apareceu em Água Preta um homem vendendo jegues. Tinha um talho no rosto que pegava de cima, vinha afinando quase até bater no queixo.[...]

Já sabia que o homem era gente de bem, uma vez vendera um jegue capenga na vila mas voltara a Água Preta para desfazer o negócio (Idem, Ibidem, p. 25).

A ideia, aqui planteada, é a de que as aparências agora podiam enganar, pois se tal descrição fosse feita outrora, poder-se-ia pensar que o indivíduo descrito era um marginal qualquer, jagunço, malfeitor ou qualquer pré-julgamento por conta de sua cicatriz, contudo se mostrou ser um homem de bem ao desfazer um negócio equivocado, não se beneficiando às custas da inocência alheia.

O que se pode perceber ao longo dessa análise é que existe uma forte necessidade de se repensar os valores de uma terra marcada pela ambição daqueles que a habitaram e, para isso, o imaginário literário contemporâneo se servirá de um valor notoriamente subjetivo: o ser.

Nessa perspectiva, a compreensão da literatura regional constitui-se em uma visão do universo cultural e vivencial que configura um ponto de vista do ficcionista e, posteriormente, do leitor; comportamentos éticos, filosóficos e políticos, entendidos como estratégias discursivas reveladoras do imaginário que perspectiva o comportamento do mundo. Assim, Jorge Medauar consegue tecer em suas páginas a memória de um local fortemente marcado por uma cultura local que incomoda aqueles que ainda insistem em lá viver, utilizando tal ferramenta (a memória) a fim de (re)discutir valores que não dignificam o homem nem o meio em que está inserido.

Em suma, é possível pensar que, através da análise do conto seu Emiliano e o Marinheiro, a região agora busca resgatar aquilo que ao longo do tempo foi se perdendo, o que de mais belo o ser humano pode cultivar, que é o valor do homem pelo próprio homem, em contraste com a exploração do homem pelo próprio homem, o que manchou, em grande escala, a história de uma região tão rica. Assim, apresenta-se, neste trabalho, uma proposta de (re)definição da identidade local, com a finalidade de reafirmar, em ficções mais recentes, uma cultura em transformação, discutindo uma identidade obsoleta em detrimento de outra que vem surgindo na contemporaneidade.

## Referências

- ALLIENDE, Felipe; CONDEMARÍN, Mabel. **A leitura: teoria avaliação e desenvolvimento**. 8. ed. Porto Alegre: Artmed, 2005.
- AMADO, Jorge. **Cadernos de literatura brasileira**. Instituto Moreira Sales.1997.
- BURKE, Peter. **O que é história cultural?**. Tradução de Sérgio Goes de Paula. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2005.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11ª ed.. Rio de janeiro: DP&A, 2006.
- KAUFMAN, Ana Maria; RODRÍGUEZ, Maria Helena. Trad. Inara Rodrigues. **Escola, leitura e produção de textos**. Porto alegre: Artemed, 1995.
- OLIVEIRA, Pésio Santos de. **Introdução à Sociologia**. 20ª ed.. São Paulo: Ática, 2001.
- SIMÕES, Maria de Lourdes Netto. **Poetas novos da região cacauzeira**. Brasília: Horizonte Editora LTDA, 1987.b
- ZINK, Rui. Literatura e o referente: o problema do espaço ou O preso que voa. *In: Revista do Centro de Estudos Portugueses Hélio Simões*. UESC, 1998.